

“In memoriam”*

*Sandra Abello***

Acontecimentos do nosso dia-a-dia, coincidências ou acasos, tragédias, fatalidades, momentos difíceis que nos fazem ver a vida de outra maneira. Dizem que amadurecemos... Tudo fica menor e insignificante diante da Morte.

O caráter negro que envolve a morte, paralelamente, abriu um clarão em minha vida com a morte de minha mãe. O espaço está preenchido por um vazio. Por um não-estar lá onde costumava estar, e por um não-voltar. Um eterno buscar entender e aceitar. Um querer sair da escuridão, da tristeza. A morte pode ser vista como um mistério incompreensível. Um isolar do resto do mundo, por meio da dor. Não há nada menos exclusivo do que o sofrimento da perda. A morte chega a todos. Não é exclusiva de alguns.

Os rituais funerários aos poucos foram sendo afastados do nosso convívio, privando aquele que está prestes a morrer da nossa ternura e solidariedade. A transferência das pessoas para os hospitais, expulsou a morte da nossa intimidade, pois há muito pouco tempo atrás as pessoas morriam em suas casas e eram veladas com as pessoas reunidas em volta. Existiam comidas típicas para a ocasião. Havia também, o cântico e orações especiais para o momento.

Atualmente, o tabu que envolve a morte a afasta ainda mais das pessoas. Por que temos tanto medo da morte? A morte é tão comum, é corriqueira. Pouco se fala da morte, e o que se fala está longe das experiências humanas. “ Refletir sobre a morte pode torná-la mais familiar e, portanto menos ameaçadora”, diz a psicóloga Bel Cesar, do Centro de Dharma da Paz, em São Paulo – e autora de “Morrer não se improvisa”.

Após um período, há uma retomada mas há também a recaída. A saudade aparece e reaparece. Os altos e baixos. A sensibilidade se aguça e se faz sempre presente. O simples lembrar nos leva às

lágrimas. O remexer dos armários, o retirar das roupas e objetos íntimos da pessoa que se foi reforçam ainda mais a presença marcante que está no ar. Algumas vezes vemos ou imaginamos que vemos o ente querido diante de nós, mas não passa de visões. Fatos marcantes, atos significativos marcam a presença a todo instante. A Voz ecoa no ouvido e aos poucos vai desaparecendo e sua lembrança da mesma vai se tornando mais difícil. A percepção às palavras ditas ficam mais aguçadas, as ações, os gestos, a memória e a lembrança. A inconstância aponta sutilezas do cotidiano.

Em meu cotidiano, já percebia a natureza, mas agora estabeleço relações vitais: vida-morte; nascer-morrer-renascer. A natureza me abastece, reaviva, nutre. Meu olhar a percebe e a interpreta. A matéria *in natura* que me diz algo mais, é presença viva de uma cumplicidade pela afetividade ou pelo estranhamento. O efêmero, o transitório se estabelece na contraditoriedade do eterno e imutável. A transitoriedade imposta trás profundas conseqüências nas mudanças de paradigmas arraigados pela historicidade individual. Há uma notável mutação na sensibilidade, nas práticas e nas formações discursivas. As relações vão se construindo, tanto no caráter imaginativo, quanto no reflexivo. Conforme Catarni (2000), a obra não é um discurso, é um ato. E como ato materializo minha reflexão sobre a morte através dos materiais vida-morte-vida. É um outro momento... de vida.

Notas

* Este artigo faria parte, originalmente, dos "Cadernos do Ceom" n. 16 - Representações do corpo e da morte".

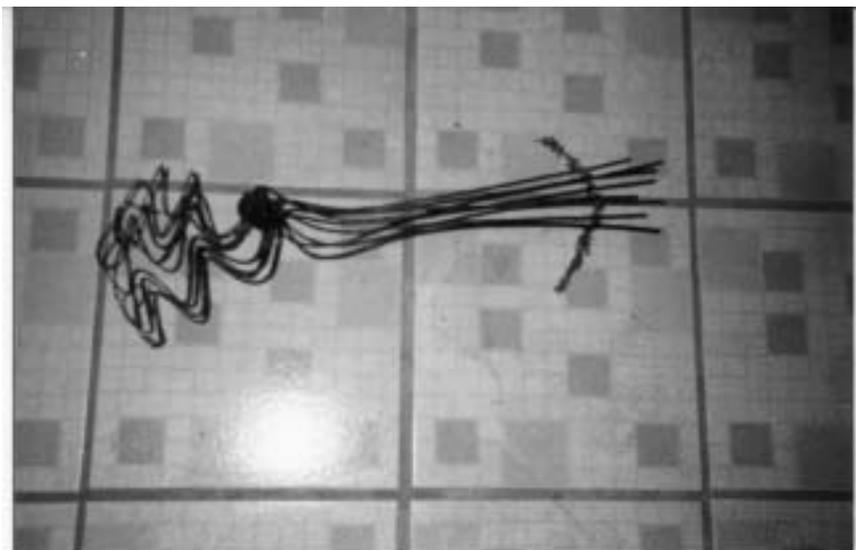
** Artista Plástica. Bacharel em Gravura pela UFPEL/RS. Especialista em Fundamentos da Arte Educação pela Sociedade Educacional Tuiuti-Curitiba (Pr) e especialista em Arte e Educação pela Unoesc/Chapecó. Mestre em Educação pela UnC – Convênio Unicamp. Professora do Curso de Educação Artística da Unochapecó e da Universidade do Contestado – Campus Caçador.

Referências

CATARNI, Icleia Borsa. **Arte contemporânea**: o lugar da pesquisa. In: BRITES, Blanca, 2000.

TESSLER, Elida (Org.). **O meio como ponto zero**: metodologia da pesquisa em artes plásticas. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002. p. 35-50.





Resenhas

